

ENCONTRO

SEMANAL



Arquidiocese
de Goiânia
Muitos membros, um só corpo.



Semanário da Arquidiocese de Goiânia – XLV Edição – 29 de março de 2015



Foto: Calicez

Padrinhos: decisivos no processo de formação cristã

pág. 5

HISTÓRIA



Nesta edição, registramos os 59 anos de criação da Arquidiocese. Dom Washington Cruz e Dom Antonio Ribeiro fazem memória da nossa Igreja.

pág. 3

PARÓQUIA



Social e eclesial se entrelaçam na história da Paróquia São Sebastião de Bonfinópolis, em que as pastorais foram impulsionadas pelo serviço das irmãs de caridade.

pág. 4

CATEQUESE DO PAPA



As crianças são o centro da Catequese do papa Francisco. Segundo o pontífice, além de uma riqueza para a humanidade, os pequenos têm muito a nos ensinar.

pág. 6

PALAVRA DO ARCEBISPO

EDITORIAL

A MEDICINA DA PALAVRA DIVINA



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Um dos meios que a Igreja, por mandato de Jesus, nos concede para sermos reconciliados com Deus, com nós próprios e com os outros, é a confissão ou o Sacramento da Reconciliação. Nesse Sacramento encontramos Jesus Cristo que perdoa os pecados, liberta dos sentimentos de culpa e infunde a sua graça para nos tornar fortes perante as tentações.

Após a confissão, é certo, o cristão continua a viver com os seus problemas cotidianos e até com as suas faltas, mas no Sacramento recebeu uma força espiritual para recomençar de novo e estar mais atento aos seus defeitos dominantes. Precisamos renascer cada dia, como o sol que, após a noite, ilumina a natureza e alegra os nossos olhos com a beleza da sua luz.

Algumas pessoas não gostam de confessar-se, é normal que isso aconteça, depende da sua formação, caráter, reserva interior, sentimento de culpa etc. O que devem pensar, porém, é que o Sacramento é bem para si, pois é uma proposta de cura e de salvação oferecida por Deus. Sob o aspecto teológico, só os pecados mortais devem ser confessados, ou seja, aquelas faltas em que plenamente livres tomamos uma decisão grave contra Deus. Habitualmente os pecados são fruto da fragilidade humana, da violência das paixões e emoções, e podem não atingir a gravidade de uma decisão contra Deus. A confissão, nesses casos, ajuda a curar a raiz do mal. Quando a pessoa cometeu uma falta e sente-se excluída da comunidade, ela precisa ouvir uma voz, em nome de Deus, que lhe diga que foi reconciliada consigo e com os irmãos.

A confissão, com a declaração dos pecados, aparece em quase todas as religiões, porque se a relação com Deus foi interrompida, só através do reconhecimento das faltas se restabelece a paz com Deus. Contudo, só no cristianismo há um Sacramento, instituído por Jesus Cristo, para o perdão dos pecados. É uma riqueza para os homens e mulheres de todos os tempos, contanto que a reconciliação seja apresentada e celebrada como ação libertadora e salvífica de Deus, que não deixa no cristão medo nem traumas. Diziam os padres da Igreja que quem conhece os próprios pecados é maior de quem faz milagres e ressuscita mortos.

Caros Amigos



Nesta edição continuamos a apresentar o Sacramento do Batismo e especificamente responderemos alguns questionamentos quanto à escolha dos padrinhos. Você sabe quais pré-requisitos são exigidos pela Igreja para ser padrinho e por que é tão importante segui-los? A Palavra do Arcebispo nos esclarece sobre outro Sacramen-

to, o da Reconciliação, em que o cristão, após confessar, continua convivendo com suas misérias, porém com mais força para superá-las. A Arquidiocese em Movimento desta semana está especial. Além de relatar os eventos da semana, registra também uma reportagem sobre o 59º aniversário de criação da Arquidiocese de Goiânia, na qual o bispo emérito Dom Antonio Ribeiro e o arcebispo Dom Washington Cruz contam um pouco da história da nossa Igreja. Em sua catequese, papa Francisco ressalta a importância das crianças na sociedade. "Assim, as crianças são em si uma riqueza para a humanidade e também para a Igreja, porque nos chamam constantemente à condição necessária para entrar no Reino de Deus: a de não nos considerarmos autossuficientes, mas necessitados de ajuda, de amor, de perdão". Aproximando-se a Páscoa, os leitores são convidados a conhecer mais da vivência cristã e da beleza dos Sacramentos.

Boa leitura!



Rua Dr. Joaquim Rodrigues s/nº - Goiás - GO - 76.600-000
Tel.: (62) 3371-1206 - Fax: (62) 3371-2380 - diocesedegoias@bol.com.br

Goiás, 23 de março de 2015.

Aos Senhores Bispos do Regional Centro-Oeste da CNBB.

Comunico que o senhor Fernando Carlos da Silva, ordenado diácono na Igreja Anglicana Independente, não pertence ao quadro da Comissão Bíblico-Catequética do Regional Centro-Oeste da CNBB, nem à Diocese de Goiás.

Por este motivo, achamos inoportuno que as dioceses e paróquias o convidem para qualquer assessoria de Pastoral Catequética.

Dom Eugênio Rixen
Bispo de Goiás
Vice-presidente da CNBB - Regional Centro-Oeste

ACESSE A VERSÃO ONLINE DO JORNAL:
www.arquidiocesedegoiania.org.br



Memórias da Igreja de Goiânia

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA: 59 ANOS EVANGELIZANDO O CORAÇÃO DO BRASIL

Na quinta-feira (26) a Igreja celebrou o aniversário de 59 anos da criação da Arquidiocese de Goiânia. Ao longo desse período, uma rica história foi escrita nas páginas da evangelização no Centro-Oeste brasileiro. Criada pelo Santo Padre Pio XII em 1956, na época, Goiás constituía um só Estado, com o Distrito Federal e Tocantins. Segundo dados históricos do Secretariado de Pastoral Arquidiocesano (Spar), devido à extensão territorial, uma reunião foi convocada, em 1955, pelo então arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, para revisão da divisão eclesial do Estado. Ele faleceu naquele ano e não chegou a participar da reunião que foi presidida pelo bispo auxiliar, Dom Abel Ribeiro Camelo.

Durante o encontro foi feito um plano e um pedido à Santa Sé de reorganização das dioceses no Estado. Nascia aí a Arquidiocese de Goiânia, sede da Província, instalada em 16 de junho de 1957 pelo núncio apostólico Dom Armando Lombardi, em ato solene na Praça da Catedral. To-

maria posse, na mesma ocasião, o primeiro arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, natural de Patos (PB), até então bispo de Aracaju (SE).

“A criação de novas dioceses possibilitou uma ação mais localizada, mais planejada e próxima do povo, centro de radiação da fé, de formação da Igreja diocesana; foram mudanças que ajudaram muito”, disse em entrevista ao *Encontro Semanal*, o arcebispo emérito de Goiânia, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira. Além da Igreja de Goiânia, a Santa Sé reorganizou também outras dioceses e prelazias do Estado. Também ouvido, Dom Washington Cruz declarou que, ao longo da história, a Igreja em Goiânia procurou dar respostas. “Ao longo de seus 59 anos desde a ereção canônica, a Arquidiocese de Goiânia procurou responder, com a visão e os instrumentos e, sobretudo, com a assistência do Espírito Santo, a cada época, às perguntas conciliares. Desde Dom Fernando Gomes dos Santos e de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, a Arquidiocese tem procurado ser fiel ao Evangelho e ao depósito da Fé”.

Foto: Colacez



Dom Washington Cruz

Foto: Colacez



Dom Antonio Ribeiro

Curso de Canto Litúrgico



A Comissão de Pastoral Litúrgica da Arquidiocese de Goiânia promoveu no último sábado, dia 21 de março, pela manhã, o primeiro ensaio para formação do coral para a missa de *Corpus Christi*, prevista para 4 de junho (quinta-feira). O encontro contou com a presença de mais de 450 pessoas de diversas paróquias da diocese.

De acordo com José Reinaldo Martins, que faz parte da equipe litúrgica da Arquidiocese, a ideia de um coral maior foi uma proposta do arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz. “Em agosto do ano passado, nós fizemos a celebração dos 25 anos do curso de canto litúrgico e ensaiamos o pessoal para cantar na missa de encerramento. Eram em torno de 700 pessoas. A partir daquela experiência, Dom Washington propôs a ideia de que, neste ano, a solenidade de *Corpus Christi* fosse cantada por um grande coral, composto por pessoas advindas das paróquias de toda a diocese”.

Os participantes Paulo César Pereira, da Comunidade São João XXIII, e Irmão Diego Joaquim, coordenador de liturgia da Matriz de Campinas, concordam que essa iniciativa valoriza aqueles que já servem nos corais das suas paróquias e comunidades. Vão ser feitos mais dois ensaios, no dia 9 de maio, primeiro com contralto e, em seguida, com os homens, e um geral no dia 23 de maio. Mais informações pelo e-mail cantoarquidiocesedegoiania2@gmail.com ou pelo telefone 3235-0758.

Juventude Missionária é implantada em Hidrolândia

A Juventude Missionária (JM), atividade que integra a Pontifícia Obra da Propagação da Fé, uma das quatro Pontifícias Obras Missionárias (POM), foi implantada nos dias 14 e 15, em Hidrolândia (GO). Participaram oito jovens missionários e as assessoras irmã Maria das Mercês e Marilda. De acordo com a coordenadora estadual da JM, Maria Darcilá Rodrigues, alguns jovens são fruto da Infância e Adolescência Missionária (IAM). O encontro também contou com a reza do Terço Missionário, momento de dinâmicas e confraternização.



CURIOSIDADES

O que é feito com os ramos usados na procissão do Domingo de Ramos?

Os ramos abençoados no Domingo de Ramos devem ser levados para casa e conservados com respeito, até o ano seguinte, na mesma data, em que são substituídos pelos novos. Em alguns países, como na Espanha, por exemplo, os ramos eram usados em caso de tormenta ou tempestade, para invocar a proteção do Senhor. “Na ocasião, queimava-se um pedaço do ramo seco. Também se invocava Santa Bárbara, como protetora, diante dos raios e trovões”, lembra padre Luís Quevedo. É tradição também guardar os ramos para serem usados secos a fim de proteger a casa, atrás da porta. São guardados ainda para a produção das cinzas utilizadas na Quarta-feira de Cinzas.

PARÓQUIA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Paróquia São Sebastião: uma comunidade disposta à formação

“Não basta a união nos trabalhos das pessoas que atuam na paróquia; é preciso unidade de recíproca referência, pela qual todos se sintam pertencentes à mesma família de fé que mantém vínculos de amizade e fraternidade.” (CNBB/doc. 100)

A história da Paróquia São Sebastião e a da cidade de Bonfinópolis se confundem. Em meados de 1960, como rota da futura linha do trem de ferro que começaria em Araguari e iria até Goiânia, Bonfinópolis começa a se desenvolver. Chamada naquela época como Km 36, afinal era exatamente a localização em que estava, a cidade começou a ser ocupada.

Como consta nos documentos da cidade, foram 15 anos para conclusão da linha do trem e durante esse período construiu-se uma capela com a ajuda dos fazendeiros da região. Assistida pela paróquia da cidade de Leopoldo de Bulhões, a capela, além de atender às necessidades eclesiais, também tinha o papel de escola. Muitas irmãs de caridade passaram pela região e impulsionaram o serviço das pastorais durante esse tempo, em que era atendida pelo pároco da cidade vizinha, padre Lancísio de Souza, até se tornar paróquia. Antes da municipalização da cidade de Bonfinópolis, ocorrida em

1º de junho de 1989, a comunidade São Sebastião foi elevada a paróquia em 3 de março de 1974.

Em 1997, a congregação das irmãs Franciscanas Servas da Santíssima Trindade chegou à região. As religiosas movimentaram a vida pastoral da comunidade, se engajando nela. Presentes há quase 18 anos na paróquia, as irmãs desenvolvem um trabalho na pastoral da criança que tem ajudado muitas famílias.

Por meio do encontro mensal chamado “Celebração da vida”, as religiosas e líderes voluntários fazem o atendimento a mães e crianças, mediando alguns problemas, fazendo palestras, momentos de oração e uma pequena catequese. Posteriormente, é distribuído o “peso”, uma multimistura que auxilia na saúde das crianças e dos idosos.

Há pouco mais de um mês como administrador paroquial da Paróquia São Sebastião, padre Warlen Maxwell afirma que os grandes desafios para evangelização perpassam não só os desafios pastorais, mas também os problemas socioculturais.



“Bonfinópolis é uma cidade muito violenta e a maior dificuldade é conscientizar as pessoas do mistério de Jesus Cristo, do amor, do perdão, que infelizmente é uma realidade que afeta toda sociedade. Outro grande desafio é levar a bom termo as iniciativas pastorais, que temos, como, por exemplo, a pastoral da criança. Além de tudo isso, fazer com que a comunidade reassuma a sua vocação de ser comunidade e Igreja”.

Padre Warlen conta que tem promovido iniciativas de formação e catequese nos finais de cada Santa Missa, por acreditar que as pessoas não devem só receber, mas também ser portadoras da Palavra de Deus. A partir do interesse da comunidade por formação, o administrador afirma que o aspecto mais positivo é a sede e fome de Deus dos paroquianos: “Eu percebo a fé daquele povo, uma busca muito grande pelas celebrações. A igreja fica cheia todos os domingos, muitas vezes com pessoas em pé, e, com base nisso, a gente percebe o desejo dessas pessoas de estarem com Deus. A juventude também tem se destacado e, com um novo fervor, se engajado cada vez mais nas pastorais”.

Sobre a questão estrutural, o pa-

dre salienta que já tem feito algumas mudanças para tornar o ambiente mais agradável, porém os recursos que possui ainda não são suficientes para fazer todas as reformas necessárias. “Não há como fazer reestruturação sem verba”, explica. “A comunidade tem muita força e historicamente sempre conseguiu promover suas festas e se manter com as ofertas da Santa Missa e doações. Estamos com um projeto para o dia 18 de abril. Teremos uma noite de massas, que é uma festa e uma forma que encontramos de suprir todas as necessidades”, finaliza.

Informações

Missas

Domingo, às 8h e às 19h30

Secretaria

2ª a 6ª-feira, das 8h às 18h,
Sábado, das 8h às 12h

Pároco:

Pe. Warlen Maxwell Silva Reis

Tel.: (62) 3334-1337

End.: Rua 2, nº 390 – St. Central
75195-000 – Bonfinópolis-GO

E-mail: saosebastiaoaprotetor@hotmail.com

O Tríduo Pascal – Paixão e Ressurreição, expressão do mistério da Páscoa

A Ceia do Senhor



Na Quinta-feira Santa se revive a última Ceia do Senhor, quando Jesus se reuniu com os apóstolos para cear, como parte das comemorações da Páscoa hebraica, advinda dos costumes presentes na tradição da Antiga Aliança. Cristo, nesta ceia, vem estabelecer a nova e definitiva aliança ao repartir o pão (corpo) e o vinho (sangue) instituindo assim a Eucaristia. Ao pedir que o gesto fosse repetido em seu Nome, instituiu o sacerdócio. No lava-pés, a expressão de que Cristo se deu até o fim, o Rei que vem para servir, e dá a própria vida para salvação dos homens. Dá-se início à páscoa de Cristo, realizando as palavras da Escritura: “Desejei ardentemente comer convosco esta ceia pascal antes de sofrer” (Lc 22, 15).

Morte salvífica de Cristo

Na Sexta-feira Santa, a Igreja recorda a paixão do Senhor. A liturgia medita e intercede pela salvação do mundo, faz-se a adoração da Cruz Sagrada e do próprio lado aberto de Cristo. Preceitua-se o jejum nesse dia e é recomendado o recolhimento; é o único dia em que não acontece a consagração eucarística, porém os fiéis não são privados da comunhão. Na ação litúrgica, é feita a oração universal e dá-se início à adoração da Cruz, sinal da paixão, das dores e entrega de Cristo, mas também sinal da vida que venceu a morte. Entre muitas das manifestações de devoção popular para este dia está a procissão do Cristo morto. Ressalte-se, entretanto, que nenhuma prática de piedade substitui a solene ação litúrgica da memória da morte, normalmente celebrada às 15h.



A Vigília Pascal



No Sábado Santo, acontece a “vigília de todas as vigílias”, diz Santo Agostinho. Celebração central da nossa fé e cume do ano litúrgico e centro do calendário cristão. Momento em que, ritualmente, se realiza o que os cristãos vivenciam na fé, e com o Cristo, passam das trevas à luz e da morte à vida. A noite da Vigília pascal é o momento em que a comunidade se reúne para celebrar o evento que a constitui e fundamenta – a ressurreição do Senhor. Como afirmava São Paulo, “se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé” (1Cor 15, 14). Esta celebração solene inicia-se com a Celebração da Luz e segue com a Liturgia da Palavra, Liturgia Batismal, e termina com a Liturgia Eucarística.

CAPA

O importante papel de pais e padrinhos na Iniciação Cristã

Iniciação Cristã



Na edição passada o *Encontro Semanal* abriu a série de reportagens sobre os Sacramentos, esclarecendo as principais dúvidas sobre o Batismo de crianças. Nesta, apresentamos a responsabilidade dos pais e padrinhos. O tempo é oportuno para abordar o assunto, pois estamos na última semana da Quaresma que, segundo o papa Francisco, “é um tempo para nos aproximarmos de Cristo, por meio da Palavra de Deus e dos Sacramentos”.

A responsabilidade de pais e padrinhos, sem dúvida, é um dos principais aspectos a serem observados na Iniciação Cristã. Trata-se de um ponto decisivo na formação cristã. A Igreja exige cuidados e bastante atenção, sobretudo porque a criança, ao receber o Batismo, ainda não tem consciência formada e precisa de pessoas maduras na fé para garantir o bom êxito da sua caminhada cristã.

Por carregar a responsabilidade maior de educar os filhos na fé, os pais precisam ter consciência de requisitos indispensáveis antes de escolherem os padrinhos dos batizando. Não é critério escolher somente pela amizade, ou por ser uma pessoa de posses, ou ainda aquele que poderá dar muitos presentes ao afilhado.

Segundo o padre Aurélio Vinhadele de Siqueira, administrador paroquial da Paróquia Cristo Rei em Aparecida de Goiânia, os pais escolhem padrinhos por critérios muito pequenos. Ele comenta as orientações da Igreja nesse processo. “É necessário escolher pessoas que tenham uma vida cristã; que participem da Santa Missa; se casadas, que tenham o Sacramento do Matrimônio; que deem testemunho da fé não só na Igreja, mas na sociedade”. Pais que não levam a sério essas exigências cor-

rem o sério risco de pôr a perder o processo de formação cristã das crianças. “Como padrinhos podem dar algo que não têm, aquilo que não cultivam?”, questiona. É uma questão de coerência.

Perfil dos padrinhos

Todos os dias nos preparamos para um novo desafio, uma nova experiência, momentos especiais, para seguir os caminhos necessários a fim de alcançar determinado objetivo. Na vida cristã é a mesma coisa. As limitações e o pecado impedem que sejamos perfeitos, mas é possível aprender a ser padrinho ou madrinha zelosos com o decorrer do tempo. Por isso a Igreja faz algumas exigências fundamentais para que o padrinho ou madrinha possam auxiliar o batizando que será iniciado na fé.

As exigências feitas pela própria Igreja levam alguns pais a questio-

narem os padres nas paróquias. De acordo com o padre Aurélio, as pessoas falam que o papa des-carta burocracias, que prega uma Igreja mais aberta. Ele explica, no entanto, que é preciso interpretar



Pe. Aurélio Vinhadele

com discernimento as palavras de Francisco. “Precisamos discernir à luz do Espírito Santo o que o Santo Padre fala, independente das nossas conveniências pessoais; como eu disse, escolher padrinhos sem caminhada de Igreja é comprometer a formação cristã”.

Pastoral do Batismo



A reportagem do *Encontro Semanal* participou de um momento formativo para pais e padrinhos, promovido pela Pastoral do Batismo da Paróquia Sagrada Família, na Vila Canaã. Na ocasião, cerca de 160 pessoas participaram do curso que tem duração de três horas. No encontro, dividido em dois momentos, a Pastoral trata dos seguintes temas: Querigma (primeiro anúncio); amor de Deus; história da salvação; redenção através de Jesus; inserção na comunidade; importância da figura dos pais e padrinhos para o batizado e, no segundo momento, os Sacramentos, de modo especial o Batismo. “Explicamos que os primeiros cristãos eram adultos e a primeira condição para serem batizados era ter fé; no caso da criança, ela não tem fé ainda, por isso os pais e padrinhos precisam ter uma experiência viva com Deus que os possibilitem con-

duzir os afilhados no mesmo caminho”, explicou o coordenador da Pastoral, Rodrigo Goes.

Fausto Pinto Magalhães, também membro da Pastoral, enfatizou que o curso, a princípio, seria somente para os pais, mas a formação acabou se estendendo aos padrinhos também. “Os pais sempre escolhem os padrinhos com bastante antecedência; é um erro, pois muitos são escolhidos a partir de critérios pessoais pautados na amizade; quando fazem o curso, se dão conta de que aquele padrinho não é a melhor opção, já que a Igreja tem critérios bem definidos; no fim cabe aos pais decidirem se aquele padrinho ou madrinha tem condições de dar sequência à caminhada cristã dos filhos”, esclarece. A Igreja vê com bons olhos os afilhados que têm os mesmos padrinhos no Batismo e na Crisma. Mas isso é assunto para outra reportagem.



Padrinhos de Consagração

É de pouco ou vago conhecimento a figura dos padrinhos de consagração para os batizados. Muitas pessoas falam de padrinhos de segundo grau, de menos importância. Mas a verdade é que eles podem ser tão importantes quanto os padrinhos de Sacramento. Depende dos critérios adotados para a sua escolha. “Os padrinhos de consagração são pessoas que têm a fé mariana, que cultivam o mínimo de intimidade com Nossa Senhora; ao escolher esses padrinhos, os pais estão entregando o filho aos cuidados de Maria”, explica padre Aurélio. O leitor pode encaminhar suas dúvidas para o e-mail encontresemanal@gmail.com.

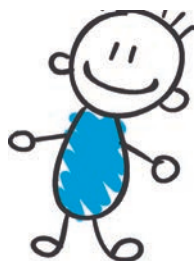


Instruções do Código de Direito Canônico sobre a escolha de padrinhos

Cabe aos padrinhos ajudar o batizado a levar uma vida de acordo com o Batismo e a cumprir as obrigações inerentes a ele. Conforme o Cânon 873, admite-se apenas um padrinho ou uma só madrinha, ou também um padrinho e uma madrinha. O Cânon 874 e seus cinco artigos são muito importantes para entender as exigências da Igreja. Para assumir o encargo de padrinho é necessário ser designado pelo próprio batizando ou por seus pais; tenha completado 16 anos de idade; seja católico, crismado, já tenha recebido o santíssimo Sacramento da Eucaristia e leve uma vida de acordo com a fé; não seja pai ou mãe do batizando; quem é batizado e pertence a uma comunidade eclesial não católica só seja admitido junto com um padrinho católico, e apenas como testemunha do Batismo.

CATEQUESE DO PAPA

Uma sociedade sem crianças é triste e cinzenta



Depois de ter passado em revista as diversas figuras da vida familiar – mãe, pai, filhos, irmãos e avós – gostaria de concluir esta primeira série de catequeses sobre a família, falando das crianças. Eu o farei em dois momentos: hoje, meditarei sobre a grande dádiva que elas são para a humanidade – é verdade, são um dom grandioso para a humanidade, mas são também as grandes excluídas, porque nem sequer as deixam nascer – e proximamente falarei sobre algumas feridas que infelizmente prejudicam a infância. Vêm-me ao pensamento as numerosas crianças que encontrei durante a minha última viagem à Ásia: cheias de vida e entusiasmo e, por outro lado, vejo que no mundo muitas vivem em condições indignas... Com efeito, pode-se julgar a sociedade pelo modo como as crianças são tratadas, e não só moral, mas também sociologicamente, se é uma sociedade livre ou escrava de interesses internacionais.

Em primeiro lugar, as crianças recordam-nos que todos, nos primeiros anos de vida, somos totalmente dependentes dos cuidados e da benevolência dos outros. E o Filho de Deus não evitou essa passagem. É o mistério que contemplamos todos os anos, no Natal. O Presépio é o ícone que nos comunica tal realidade do modo mais simples e direto. Mas é curioso: Deus não tem dificuldade de se fazer entender pelas crianças, e as crianças não têm problemas em compreender Deus. Não é por acaso que no Evangelho Jesus profere palavras muito bonitas e fortes sobre os “pequeninos”. Esse termo, “pequeninos”, indica todas as pessoas que dependem da ajuda dos outros e, de modo especial, as crianças. Por exemplo, Jesus diz: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, revelando-as aos pequeninos” (Mt 11,25). E acrescenta: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos, porque Eu vos digo que os seus anjos no céu contem-



plam sem cessar a face do meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10).

Assim, as crianças são em si uma riqueza para a humanidade e também para a Igreja, porque nos chamam constantemente à condição necessária para entrar no Reino de Deus: a de não nos considerarmos autossuficientes, mas necessitados de ajuda, de amor, de perdão. E todos nós precisamos de ajuda, de amor, de perdão!

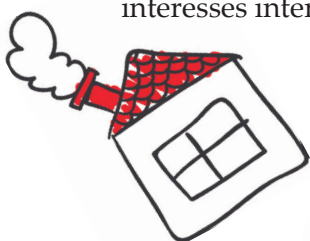
Todos nós somos filhos

As crianças recordam-nos mais uma bonita realidade; recordam-nos que somos sempre filhos: até quando nos tornamos adultos, ou mesmo quando somos pais ou desempenhamos funções de responsabilidade, por detrás de tudo isso permanece a identidade de filhos.

Todos nós somos filhos. E isso recorda-nos sempre que não nos damos a vida sozinhos, mas a recebemos. O grande dom da vida é o primeiro presente que recebemos. Às vezes corremos o risco de viver esquecidos disso, como se nós fôssemos os senhores da nossa existência, mas, ao contrário, somos radicalmente dependentes. Na realidade, é motivo de profunda alegria sentir que em todas as fases da vida, em cada situação e condição social, somos e permanecemos filhos. Esta é a mensagem principal que as crianças nos transmitem com a sua própria presença: só com a sua presença já nos recordam que cada um e todos somos filhos.

Mas há muitos dons e riquezas que as crianças oferecem à humanidade. Recordo apenas alguns deles.

A pureza e sinceridade das crianças



Dão-lhe o seu modo de ver a realidade, com um olhar confiante e puro. A criança tem uma confiança espontânea no seu pai e na sua mãe; uma confiança espontânea em Deus, em Jesus, em Nossa Senhora. Ao mesmo tempo, o seu olhar interior é puro, ainda não poluído pela malícia, pelas ambiguidades, pelas “incrustações” da vida que endurecem o coração. Sabemos que até as crianças têm em si o pecado original, com os seus egoísmos, mas conservam uma pureza e uma simplicidade interior. E as crianças não são diplomáticas: dizem o que sentem, o que veem, diretamente. E muitas vezes põem os pais em dificuldade, dizendo

diante de outras pessoas: “Não gosto disto, isto é feio!”. Mas as crianças dizem o que veem, não são pessoas ambíguas, ainda não aprenderam a ciência da duplicidade que nós adultos, infelizmente, aprendemos.

Além disso, as crianças – na sua simplicidade interior – têm em si a capacidade de receber e dar ternura. Ternura significa ter um coração “de carne” e não “de pedra”, como diz a Bíblia (cf. Ez 36,26). A ternura é também poesia: é “sentir” as situações e os eventos, sem os tratar como meros objetos, só para os usar, porque servem...

As crianças têm a capacidade de sorrir e de chorar. Algumas, quando pego nelas ao colo para as abraçar, sorriem; outras, quando me veem vestido de branco, pen-

sam que sou o médico que vim para lhes dar a vacina, e choram... mas espontaneamente! As crianças são assim: sorriem e choram, duas situações que em nós, adultos, com frequência se bloqueiam; já não somos capazes... Muitas vezes o nosso sorriso torna-se de papelão, sem vida, um sorriso que não é vivaz, um sorriso artificial, de palhaço. As crianças sorriem e choram espontaneamente. Depende sempre do coração, e muitas vezes é o nosso coração que se bloqueia e perde a capacidade de sorrir e de chorar. E então, as crianças podem ensinar-nos novamente a sorrir e a chorar. Mas nós devemos perguntar: sorrio espontaneamente, com vivacidade, com amor, ou o meu sorriso é artificial? Ainda choro, ou perdi a capacidade de chorar?



Duas perguntas muito humanas, que as crianças nos ensinam.

Por todos esses motivos, Jesus convida os seus discípulos a “tornar-se como as crianças”, pois é “a quantos são como elas que pertence o Reino de Deus” (cf. Mt 18,3; Mc 10,14).

Caros irmãos e irmãs, as crianças trazem vida, alegria, esperança e também problemas. Mas a vida é assim! Sem dúvida, trazem inclusive preocupações e por vezes muitas problemáticas; mas é melhor uma sociedade com essas preocupações e esses problemas, do que uma sociedade triste e cinzenta, porque permaneceu sem filhos! Quando vemos que o nível demográfico de uma sociedade só alcança um por cento, podemos dizer que essa sociedade é triste e cinzenta, pois permanece sem crianças!

FORMAÇÃO



A dormida (morte) da Mãe de Deus

IRMÃ SUELI CLAUDIA DE ARAÚJO
Irmã do Instituto Coração de Jesus

Certamente muitos já fizeram a si próprios a seguinte pergunta: “É possível que Maria de Nazaré tenha experimentado na sua carne o drama da morte?” São João Paulo II, no tempo do seu pontificado, expõe sobre essa realidade dizendo o seguinte: “O Concílio, a propósito da conclusão da vida terrena de Maria, retoma os termos da Bula de definição do dogma da Assunção e afirma: ‘A Virgem Imaculada, que fora preservada de toda a mancha de culpa original, terminando o curso da sua vida terrena, foi elevada à glória celeste em corpo e alma’” (LG, 59). Com essa fórmula, a Constituição dogmática *Lumen Gentium* não se pronuncia sobre a questão da morte de Maria. Todavia não quis negar o fato da morte, mas apenas não julgou oportuno afirmar solenemente a morte da Mãe de Deus, como verdade que devia ser admitida por todos os crentes.

Continuando com a palavra de São João Paulo II, dizemos que sobre o destino de Maria e sobre a sua relação com o Filho divino, parece legítimo responder afirmativamente o fato de sua morte: dado que Cristo morreu, seria difí-

cil afirmar o contrário no que concerne à Mãe. São João Damasceno, por sua vez, pergunta: “Como é possível que aquela que no parto ultrapassou todos os limites da natureza, agora se submeta às leis desta e seu corpo imaculado se sujeite à morte?”. E ele encontra a seguinte resposta: “Certamente era necessário que a parte mortal fosse deposta para se revestir de imortalidade, porque nem o Senhor da natureza rejeitou a experiência da morte. Com efeito, Ele morre segundo a carne e com a morte destrói a morte, à corrupção concede a incorruptibilidade e o morrer faz d’Ele nascente da ressurreição”.

É verdade que na Revelação a morte se apresenta como castigo do pecado. Todavia, o fato de a Igreja proclamar Maria liberta do pecado original por singular privilégio divino não induz a concluir que Ela recebeu também a imortalidade corporal. A Mãe não é superior ao Filho, que assumiu a morte, dando-lhe novo significado e transformando-a em instrumento de salvação. Empenhada na obra redentora e associada à oferta salvífica de Cristo, Maria pôde compartilhar o sofrimento e a morte em vista da redenção da humanidade. Também para Ela vale quan-



“
A Mãe não é superior ao Filho, que assumiu a morte, dando-lhe novo significado e transformando-a em instrumento de salvação.
”

to Severo de Antioquia afirma a propósito de Cristo: “Sem uma morte preliminar, como poderia ter lugar a ressurreição?” Para ser partícipe da ressurreição de Cristo, Maria devia compartilhar antes de mais a Sua morte.

A experiência da morte enriqueceu a pessoa da Virgem: passando

pela comum sorte dos homens, ela pode exercer com mais eficácia a sua maternidade espiritual em relação àqueles que chegam à hora suprema da vida.

Não existe, como dissemos, ressurreição sem morte. Roguemos, portanto, pela intercessão da Virgem Maria que nos ajude a percorrer com coragem nosso caminho rumo à vida plena. Que as inevitáveis pequenas “mortes” quotidianas exercitem o nosso espírito a colher os frutos de ressurreição e colocá-los a serviço dos irmãos e irmãs, sobretudo os mais necessitados.

Publicidade

RETRIBUA O AMOR DO PAI

“Temos de Deus este mandamento: o que amar a Deus, ame também a seu irmão” (1 Jo 4,21).

CAPIE
62 3506-9800
paieterno.com.br

PROPOSTA DE LEITURA ORANTE DA BÍBLIA EM PREPARAÇÃO PARA O PRÓXIMO DOMINGO



O Senhor ressuscitou! Aleluia!

FÁBIO CARDOSO DA SILVA (SEMINARISTA)
Seminário Interdiocesano S. João Maria Vianney

Após um longo período de preparação em vista da celebração da Páscoa, denominado Tempo quaresmal, tempo marcado pela escuta mais intensa da Palavra de Deus e também dedicado mais à oração e à penitência, chegou o grande dia! Exultemos com o salmista que canta: "Este é o dia que o Senhor fez para nós, alegremos e nele exultemos" (Sl 117). Hoje é o grande dia, celebremos com alegria e júbilo a ressurreição do Senhor. Hoje a Igreja canta ao mundo sua fé e sua alegria pascal. Ressuscitou! Esse é o grito de vitória que nos

une a todos; é o coração do mistério e do anúncio cristão, o núcleo fundamental de nossa fé. No Domingo de Páscoa ressoa na Igreja este anúncio: Cristo ressuscitou; ele vive para além da morte! Celebremos, pois, com exultação, essa festa do Senhor e por Ele, com Ele e n'Ele as nossas esperanças de vida nova. Assim, somos chamados a morrer para os nossos pecados e a nos converter para ressuscitar com Ele como criaturas novas purificadas pelo seu sangue. Cristo, ao ressuscitar, restaura nossa dignidade revestindo-nos da vida nova de filhos e filhas de Deus. Que a alegria deste domingo não fique só na missa, mas que ela se estenda aos nossos lares, nossas famílias, nossos amigos, enfim a cada situação em que formos convidados a testemunhar a ressurreição de Cristo. Que o Senhor Ressuscitado nos renove no seu Espírito e nos ressuscite na luz da nova vida, como nos indica a oração do dia.

Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a oração: Jo 20,1-9 (página 1337 – Bíblia das Edições CNBB).

Passos para a leitura orante:

1. Vá para um lugar tranquilo e prepare o ambiente para a meditação. Pode-se colocar uma cruz e uma vela acesa. Faça silêncio, interior e exterior. Pode-se aqui também cantar um refrão meditativo.
2. Leia o Evangelho procurando fazê-lo com calma; leia uma, duas ou mais vezes, deixando-se iluminar pela palavra da Escritura que faz arder o coração. É Cristo mesmo que vem ao seu encontro, caminha com você, abre seus olhos e ouvidos para fazê-lo compreender o sentido da morte e ressurreição d'Ele. Procure no texto palavra ou frase que lhe chame a atenção ou que lhe questione. Deixe ser conduzido pelo Espírito Santo.
3. Procure ver no texto detalhes como hora, lugar, pessoas e ações. Imagine a cena do Evangelho: contemple-a, viva-a.
4. Após a meditação, olhe para sua vida, para sua história. Procure perceber onde o Senhor ainda precisa ressuscitar, onde Ele quer ressuscitar. Tire a pedra da porta do sepulcro do seu coração e deixe manifestar o Ressuscitado. Sinta-se convidado a perder o medo, a vencer as incertezas e a abandonar o velho fermento, pois nosso Cordeiro Pascal, o Cristo, foi imolado por nós.

(Ano B, Domingo de Páscoa. Liturgia da Palavra: At 10,34a.37-43; Sl 117; Cl 3,1-4; Jo 20,1-9).

Painéis em madeira com passagens de São José integrarão capela da PUC

PUC GO

Em breve, a Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás, no Setor Universitário, terá uma capela em homenagem a São José. Localizado na entrada do prédio, o espaço terá cinco painéis de madeira que retratam passagens bíblicas do padroeiro dos trabalhadores e das famílias. Responsável pelo trabalho, o professor e artista plástico Tai Hsuan-An, da Escola de Artes e Arquitetura, se considera honrado com tamanho desafio. "É o maior trabalho desse tipo que já fiz", ressalta.

Os painéis são feitos com a técnica de entalhe, trabalho artesanal de alto relevo em madeira. Familiar ao artista, a dificuldade da composição dos desenhos nas placas de

cedro não assustam. "A mão sofre, né? É trabalhoso, mas tenho prazer em fazer", frisa, lembrando as oficinas de marcenaria de que participou desde criança nas escolas em que estudou na China. "Lá a gente fazia entalhe desde criança, mas não com essa visão artística".

Os cinco painéis mostram diferentes passagens: o anjo do Senhor avisando que Maria daria à luz Jesus, o nascimento do menino, a fuga ao Egito, o ensino da profissão de carpinteiro ao filho e o início das pregações de Jesus no templo. O trabalho poderá ser visto por todos nos próximos meses.

Confira a entrevista completa com o artista, que nos recebeu em seu ateliê para falar mais sobre seu processo criativo e as etapas que ainda tem pela frente.



Professor iniciou o trabalho de composição no final do ano passado

Quando o senhor recebeu o convite para fazer os painéis?

No final do ano, antes do fim do semestre passado. Como o Marcelo (Granato, diretor da Escola de Artes e Arquitetura da PUC Goiás) está fazendo o projeto de arquitetura da capela, eu acho que ele me recomendou pra fazer esse trabalho de entalhe. Tenho experiência nisso e também as histórias bíblicas de São José a mim não são estranhas. Eu cresci em uma família cristã e frequentava a escola dominical. Acho que já li a Bíblia umas trinta vezes, mas em chinês, né? Então é tudo familiar, inclusive as figuras, os cenários, tudo. É um desafio, um trabalho grande! São cinco painéis, de um (metro) por um, formando um conjunto.

E quando começou a pensar no que iria fazer?

Durante as férias eu já fui pensando na composição, já fui trabalhando como seria cada painel e, assim, o conjunto como seria. O próprio Marcelo me deu dicas de que deveria ser uma composição só, mas mostrando cinco episódios.

E quais episódios essa história conta?

O primeiro, mostra o sonho, com o anjo avisando que Maria iria dar à luz o filho de Deus. O segundo, é o nascimento de Jesus. O terceiro, é a fuga ao Egito, José, Maria e o menino Jesus em cima de um burro. O quarto, é o menino Jesus aprendendo o ofício do pai, fazendo o trabalho de carpintaria; e o último, é o menino Jesus no templo, sendo procurado pelos pais, mas ele estava discutindo no templo com os doutores.

Quando poderemos ver o trabalho finalizado?

Eu fiz uma previsão de no máximo dois meses para terminar. Estou no terceiro painel agora. A mão sofre, né? É trabalhoso, mas tenho prazer em fazer. Geralmente começo com as linhas e vou usando as duas mãos.



DEVOLVA O DÍZIMO E PARTICIPE DA MISSÃO EVANGELIZADORA EM SUA COMUNIDADE.

"Dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama o que dá com alegria". 2Cor 9,7